

FOTOS: YUUGI MAKIUCHI



A favela continua crescendo por trás da arquibancada do Estádio Pelezão e há quem diga que existe até exploração comercial

PELEZÃO

O estádio que virou favela

Federação tem prazo de 120 dias para iniciar reformas

PAULENIR CONSTÂNCIO
Da Editoria de Esporte

O futebol é do povo. Essa qualquer um conhece de cor. Em Brasília, no entanto, alguns resolveram tomar isso à risca e foram morar num estádio, mesmo não tendo nada a ver com o esporte. O Pelezão, que viu o surgimento do futebol profissional na cidade está abandonado e começa a virar mais uma das invasões do DF, preocupando o Governo e a Federação Metropolitana.

O GDF já deu ordem de despejo, mas a notificação venceu e não vingou. A Federação, por sua vez, quer reformar o estádio e ameaça "tomar as providências". Enquanto nada acontece, as poucas famílias que por necessidade construíram barracos no local, vivem cercadas de birosas que até marginais abrigam.

Há cerca de um mês, conta

um dos moradores, surgiram boatos de que o Governo ia dar lotes. Foi o bastante para que os moradores dos onze barracos em torno do estádio, dentro da área de propriedade da FMF, se animassem. Antônio José Pereira, que "toca" uma das cantinas na invasão, afirma que "só não vamos sair é para morar debaixo da ponte" e defende a permanência dos barracos sob o argumento de que "aqui a gente fornece refeição, tira-gosto e outras coisas para quem trabalha aí no Carrefour". Segundo relata, chegam vários caminhões que descarregam no ParkShopping e no Carrefour e o local é uma opção para os caminhoneiros, até mesmo em termos de diversão.

A propriedade é particular. Trata-se do único estádio em Brasília que não pertence a nenhuma administração regional. Quem construiu lá os pequenos

casebres, improvisados com pedaços de madeira e papelão, mal sabe que somente os 62.500 metros do terreno, que pertence à FMF, valem cerca de 2 milhões de dólares, de acordo com avaliação que a própria Federação mandou fazer em 1987. Para ter a posse do terreno reintegrada, o presidente da Federação não sabe se move uma ação judicial ou se continua recorrendo ao GDF, enquanto afirma que, para dar início às obras de restauração, pretende "cercar o terreno e passar o trator no que ficar dentro dos limites".

"Tem muita família morando aqui", informa o companheiro com o qual Antônio Pereira diz dividir sua cantina. Ele alega que a fiscalização "passou por aqui", mas adianta que "nada foi feito". Wagner, por sua vez, tem para mostrar a quem desejar a notificação do GDF para

os invasores do Pelezão. "O Governo deu noventa dias para eles procurarem se retirar, mas o prazo venceu e os invasores continuam lá", assegura. Entre carroceiros, donos de birosas e até famílias que deixaram as satélites mais distantes, buscando refúgio no terreno do estádio, estima-se em mais de 50 o número de favelados.

Dentro das instalações do estádio, que ocupa apenas uma sexta parte do terreno, residem três famílias. Quando o zelador do local chegou para ali fixar residência, o estádio já era moradia da primeira família. Wagner era, na época, presidente do Brasília Esporte Clube, e não conseguiu retirar os primeiros invasores. Dois anos depois veio a terceira família, a do técnico de juniores do clube com mulher e três filhos. Isso sem contar bêbados e mendigos.

Inauguração pode se repetir pela sexta vez

Se o presidente da Federação Metropolitana chegar a concluir as reformas pode passar à história do Pelezão como o protagonista da sexta inauguração do mesmo estádio. A primeira delas aconteceu um ano depois da fundação de Brasília (1961), época de poucas opções de lazer, comandada por equipes como o Defelê, Rabeloe outros clubes populares. A última placa inaugural foi descerrada por Pelé, o atleta do século, que após ser tricampeão no México emprestou seu nome ao estádio.

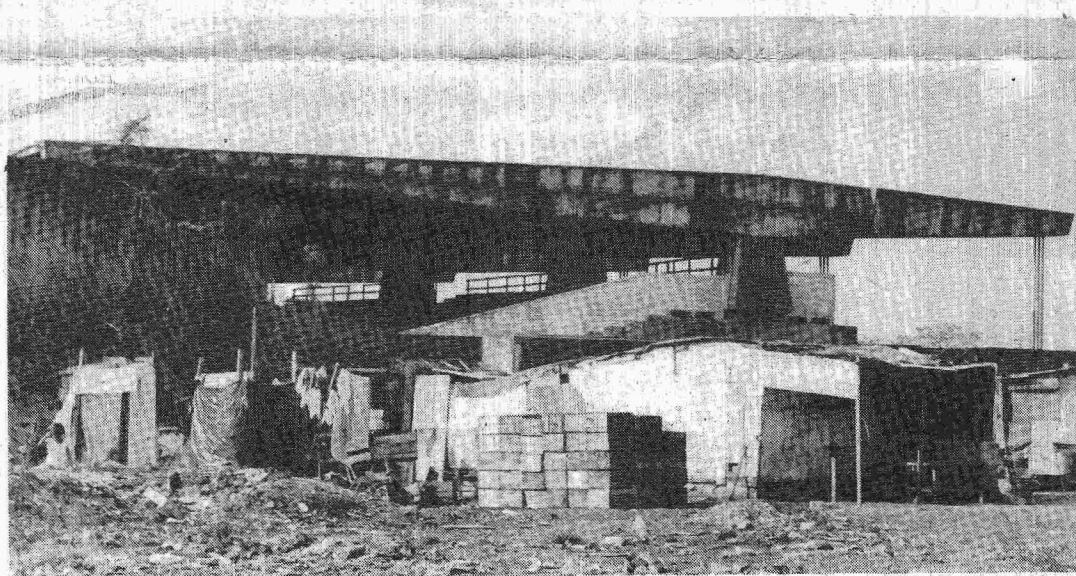
A história do Pelezão se confunde com a da própria história de lutas, nem sempre gloriosas, do futebol brasileiro. Mal passara a fase do Ceub, uma das equipes que melhor representou o futebol local fora do DF, as administrações regionais começaram a construir estádios aos quais o administrador tratava logo de colocar seu nome para perpetuá-lo como detentor do cargo.

Assim o Pelezão caiu no esquecimento dando lugar ao Bezerrão (obra do hoje deputado Walmir Campelo Bezerra) no Gama, Abadião (obra da deputada Maria de Lourdes Abadia), na Ceilândia, Serejão (obra do engenheiro então governador do DF Elmo Serejo Farias). O golpe final veio com a inauguração do Estádio "Monumental" Mané Garrincha, o melhor e mais bem cuidado da cidade, patrimônio do Defer. Enquanto se inauguravam novas praças esportivas o velho estádio, que viu o futebol nascer no DF, era gradativamente entregue às ruínas. Apenas o terreno valorizava motivando a especulação imobiliária, principalmente após a criação no local de grandes shoppings centers.

VENDA

A FMF chegou a cogitar de vender o valioso patrimônio, mas teve que retroceder em função das dificuldades jurídicas que um provável negócio implicaria. Além da Federação, figuram como proprietários cerca de 200 cotistas, que à época adquiriram cadeiras cativas em troca de donativos para serem empregados na construção. Propostas polpudas do Grupo OK, da Viplan e até do Grupo Paes Mendonça, do Nordeste, foram sistematicamente recusadas em função da impossibilidade de realizar qualquer negócio.

Agora o estádio serve para os treinos do Brasília, é utilizado pelo futebol amador e abriga três famílias de servidores do clube e um funcionário da Federação, além de invasores. Inúmeras reuniões com os clubes federados foram feitas nos últimos dois anos até que se chegou a um consenso no sentido de transformar o estádio em escola. Houve vozes discordantes como a do presidente da Taguatinga, Froylan Pinto, que prefere arrendar o local para algum grande shopping e sustentar a Federação como uma participação no faturamento do interessado.



Mesmo com ordem de despejo expedida pelo GDF, os favelados insistem em permanecer no Pelezão

Governo já liberou recursos

A Federação Metropolitana de Futebol não tem mais motivos para apresentar as suas habituais desculpas para continuar permitindo a situação de abandono em que se encontra o Estádio Pelezão. Numa época de "vacas magras" para verbas Federais, a entidade teve confirmado o seu pedido de Cz\$ 15 milhões, junto à SEED/MEC, para dar início às obras de restauração e transformação do estádio.

O valor ainda está longe de atingir os Cz\$ 100 milhões que o atual presidente da Federação, Wagner Marques, calculou para o ambicioso projeto de transformar em escola de futebol as ruínas do Pelezão. Assim mesmo ele assegura que, no mais tardar, em novembro estará dando início às obras, pois a verba encontra-se à disposição da FMF.

"Temos 120 dias para apresentar os primeiros resultados à SEED/MEC, que já liberou a verba", informa Wagner. Segundo o dirigente, o gradativo abandono do estádio ocorreu em função da total falta de recursos da FMF para dar-lhe a manutenção devida. Exemplificando, ele citou que no mês de setembro coube à entidade, como parte dos recursos da Loteria Esportiva, a quantia de Cz\$ 30 mil. "Não paga nem a metade da folha de pagamento com funcionários da Federação, que chega a quase Cz\$ 150 mil", afirmou.

O vilão na história do estádio, para Wagner, é o próprio futebol brasileiro. A arrecadação conseguida nas partidas realizadas ao longo de quatro meses, onde são realizados quatro jogos por semana entre os oito clubes, é tão insignificante, diante das despesas, que em 1988 a Federação entregou a administração das bilheterias aos próprios clubes. Eles arrecadam, distribuem e repassam uma parcela para a FMF, que pouco tem a ver com a manutenção dos estádios, de competência das administrações regionais em cada Satélite e do

Defer, no caso do Mané Garrincha. Quem saiu perdendo com isso foram os árbitros. Para receber as cotas por partida eles aguardam o repasse, que demora até seis meses. Há quase dois meses do fim do Campeonato de 1988 alguns ainda não viram suas minguadas taxas.

Em meio a uma verba considerada pequena e tendo que afastar os quase dez anos de eternas desculpas com a comunidade, o projeto, elaborado pela arquiteta Naira Mozer Oberg, poderá começar a se tornar realidade. Na planta, a construção da escola prevê 16 alojamentos, restaurante para 80 pessoas, três campos gramados separados por alambrado e capacidade para atender até 500 alunos. Para isso, Wagner quer investir o dinheiro fornecido pelo MEC imediatamente "antes que desvalorize", afirma. O primeiro passo será contratar uma empresa para dar início às restaurações.

Em contrapartida, Wagner poderá se tornar o primeiro presidente da FMF a realizar obras sem critérios eleitoreiros. Ao mesmo tempo que investe num ambicioso projeto, onde terá necessariamente que contar com o apoio do empresário local, ele poderá ficar sem o gostinho de inaugurá-lo. E que seu mandato à frente da Federação termina em março.



Wagner Marques, da FMF

Afinal, quem é o grande culpado?

Atribuir responsabilidades pela situação do Pelezão foi sempre motivo de esquiva por parte dos dirigentes da FMF. O jogo de empurra exercido pelas várias administrações acabou desaguando no óbvio. Enfim, o presidente Wagner Marques resolveu abrir o rol dos culpados e não parece demonstrar dúvidas quando afirma categórico que "o responsável pelo quadro é o Brasília Esporte Clube".

Mas a solução, para ele, tem que vir do Governo. "O GDF tem que nos garantir a área desocupada. Tem que ser dado um prazo para que os comerciantes ali estabelecidos irregularmente desocupem o local". Para Wagner "quem tem que cuidar da situação dos camelôs e ambulantes em Brasília é o GDF".

Por trás da afirmação o dirigente da Federação não esconde sua descrença quanto à invasão. Para ele, de forma nenhuma se trata de ocupação por favelados sem-teto. "Ali só existem pessoas que exploram comercialmente o local". A tese tem o reforço substancial de um dos moradores que, não querendo se identificar para evitar represálias, aponta para três dos barraços e garante: "aqueles ali já tiveram seu agio vendido três vezes. Quando começa a dar lucro eles passam para a frente".

Há cerca de seis anos a Federação arrendou as instalações do Pelezão ao ao Brasília. De lá para cá, mesmo não recolhendo dinheiro algum aos cofres da federação, o clube deixou o local sob os cuidados de apenas um zelador. Almir Vieira, supervisor à época, não conseguiu espantar os primeiros invasores, optando por mandar soldar um portão lateral no intuito de isolar o lado invadido. Quando chegaram os primeiros invasores e se instalaram do lado de fora dos portões do Pelezão, mas dentro do terreno, isso não incomodou o atual presidente. O tempo passou e o local é hoje o que é.